

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

JUNHO/1983



O Evangelho Eterno

Pág. 4

A União das Igrejas

Pág. 6

De que alimentamos a mente?

Pág. 8

Tornar o Evangelho compreensível para as crianças

Pág. 10

Cânticos na noite

Pág. 14

Revista Adventista

DIRECTOR:

J. Morgado

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

**REDACÇÃO E
ADMINISTRAÇÃO:**

Rua Salvador Allende, lote 18
2685 Sacavém Codex
Telef. 2510844

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. 42413

PUBLICAÇÃO MENSAL

Junho 1983
Ano XLIV • N.º 441

PREÇOS:

Assinatura anual	300\$00
Número Avulso	30\$00

SUMÁRIO **JUNHO 1983**

EDITORIAL	3
O EVANGELHO ETERNO	4
A UNIÃO DAS IGREJAS	6
DE QUE ALIMENTAMOS A MENTE?	8
TORNAR O EVANGELHO COMPREENSÍVEL PARA...	10
ENDEREÇOS DE NOVAS IGREJAS	12
ALTERAÇÕES DO SONO	13
CÂNTICOS NA NOITE	14
«... COMO ENOÇ CONTIGO ANDOU»	15
NOTÍCIAS DO CAMPO	16



Prezados Irmãos:

A aproximação dos meses de verão dá a possibilidade a muitos membros da Igreja Adventista de viajarem pelo nosso País, visitando mesmo lugares em que a nossa Mensagem não está estabelecida.

De cada um de nós, membros da Igreja Adventista, fez o Senhor mensageiros das Boas Novas do Evangelho e é nosso privilégio poder partilhá-las com outros.

Assim, desejaria propôr aos meus prezados Irmãos que levassem nas vossas bagagens algum material: livros, folhetos, revistas que pudessem ser usados com as pessoas com quem vão entrar em contacto. A mensagem do Segundo Advento tem de ser pregada rapidamente. Outro elemento que temos à disposição de todos é a possibilidade de conseguirem nomes de pessoas que desejem estudar a Bíblia através de um curso por correspondência. É um meio extraordinário para colocar as pessoas em contacto com as Sagradas Escrituras e, a pouco e pouco, em contacto com a Igreja.

Procuremos igualmente tirar proveito das emissões de *A Voz da Esperança*. Cada um deve ir munido do horário das nossas emissões e, de acordo com a localidade em que se encontrar, procurar entusiasmar os seus amigos e parentes a ouvirem os nossos programas.

Um outro elemento evangelístico que gostaríamos de lembrar é a visita às nossas Igrejas, aos nossos grupos espalhados pelo continente e ilhas. Cremos que a visita de «membros da mesma família» é sempre um momento de alegria. Para os que estão por vezes isolados, em pequenos grupos, é motivo de satisfação a passagem de irmãos vindos de outras igrejas. Desejaria, no entanto, lembrar a todos aquele sábio conselho do apóstolo Paulo ao dizer: «Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude e se há algum louvor, nisso pensai.» (Filipenses 4:8).

Quantas boas notícias podemos partilhar com os nossos irmãos. Quantos milagres o Senhor tem realizado! Quantas almas sinceras o Senhor tem trazido para o nosso meio através de maravilhosas transforma-

ções! Quantas notícias extraordinárias recebemos dos Campos Missionários onde o Senhor continua a realizar a Sua Obra através de meios humanos bem débeis.

Os próximos meses podem ser meses de extraordinária actividade que substitua aquela que normalmente realizamos nas Igrejas.

Foi já publicada na Revista Adventista uma lista com a direcção das igrejas, salas de culto e lugares onde os nossos irmãos se reúnem. Também na Revista Adventista se tem publicado as moradas das novas salas que se vão abrindo. Cremos que assim será possível ter uma informação detalhada de todos os lugares onde esta mensagem está sendo pregada.

«A mensagem que estou ordenada a transmitir ao nosso povo, neste tempo, é: Evangelizai as cidades sem demora, porque o tempo é curto. O Senhor tem posto este trabalho diante de nós. ... Pouco tem sido feito em alguns lugares, mas muito mais poderia ter sido realizado.» — *Evangelismo*, pag. 33.

«Os que se encontram nos caminhos não devem ser negligenciados; nem os que moram nos valados. E, ao viajarmos de lugar para lugar, passando por uma casa após outra, devemos sempre perguntar: 'já ouviram a mensagem, por acaso, os habitantes destes lugares? A verdade da palavra de Deus já lhes chegou ao ouvido? Compreendem eles que o fim de todas as coisas está próximo e que estão iminentes os juízos de Deus? Sabem eles que cada alma foi comprada por infinito preço? 'Ao meditar sobre estas coisas, meu coração se expande no profundo anseio de ver a verdade levada, em sua simplicidade, aos lares das pessoas que se acham nos caminhos e lugares separados dos centros densamente povoados. ... É nosso privilégio visitá-los e fazer com que se familiarizem com o amor de Deus por eles e com a Sua maravilhosa provisão para salvação da sua alma.» — *Evangelismo*, pág. 45.

Que o Senhor conceda a cada um de nós o privilégio de continuarmos a colaborar em Sua Obra!

Vosso no Senhor
J. Morgado

O Evangelho Eterno

CARL COFFMAN

Somente aqueles que conhecem pessoalmente a graça salvadora de Deus podem levar as boas novas a todo o mundo.

Durante vários anos antes do desapontamento de 22 de Outubro de 1844, Guilherme Miller e os seus colegas deram muita ênfase aos 2 300 dias de Daniel 8:14 e ao juízo vindouro referido em Apocalipse 14:7. Com o estranho crescimento de mundanidade, apatia, e oposição das igrejas populares, foram levados no verão de 1844 a proclamar a mensagem do segundo anjo — «Caiu, caiu Babilónia» (Apoc. 14:8), e o clamor da meia-noite da parábola das dez virgens (Mat. 25:6).

O ano de 1844 revela um grande contraste entre a indiferença e a dureza dos muitos que rejeitaram a verdade e a experiência de unidade e prontidão dos cerca de 50 000 que aguardavam o imediato retorno de Cristo.

Ellen White usou citações de três escritores daquele tempo (um senhor Barnes, autor dum comentário Bíblico; Professor Finney, do Colégio Oberlin; e um escritor da revista *Religious Telescope*) que revelaram as condições espirituais daquele tempo. Estes escritores descreveram falta de conversões, aumento da mentalidade mundana, existência de apatia e hostilidade, e o facto de membros de igrejas se devotarem à moda, tristemente degenerada, e se envolverem em danças e festividades (ver *O Grande Conflito*, págs. 304-305).

Aqueles que aguardavam o retorno de Cristo no final de 1844 apresentavam um vívido contraste: «De todos os grandes movimentos religiosos desde os dias dos apóstolos, nenhum esteve mais isento de imperfeições humanas e dos enganos de Satanás do que o do Outono de 1844.» — *Idem*, pág. 322.

A menos que uma espécie de falso orgulho tome posse do melhor que há em nós, deveríamos fazer uma pausa para meditar numa declaração feita por Ellen White pouco mais de quatro anos depois do Desapontamento, quando a «pressão» dum fim imediato do tempo havia passado. «Vi que algumas mentes estão-se afastando da verdade presente e

dum amor pela Santa Bíblia ao lerem outros livros excitantes; outros estão cheios de perplexidade e cuidado quanto ao que hão-de comer, beber, e vestir. Alguns estão a considerar a vinda do Senhor como muito longínqua. O tempo continuou alguns anos mais do que esperavam; por conseguinte pensam que assim pode continuar alguns anos mais, e desta maneira as suas mentes estão sendo afastadas da verdade presente, para irem após o mundo.» — «Àqueles que estão recebendo o Selo do Deus Vivo», 31 de Janeiro 1849, citado em *Primeiras Escrituras*, pág. 58. Algo indesejável pode acontecer a qualquer um de nós se perdermos o senso da brevidade do tempo.

Perto do final do primeiro século do Cristianismo, Cristo enviou esta terrível condenação ao Seu povo, numa das *Suas* igrejas: «Tenho algo contra ti, porque deixaste o teu primeiro amor» (Apoc. 2:4). Nosso Senhor incluíra este perigo nos Seus muitos sinais acerca da proximidade da Sua vinda em Mateus 24:12: «porque abundará a iniquidade, o amor de muitos esfriará.» E o apóstolo Paulo adverte que aqueles que «não receberam o amor da verdade» são os que serão enganados pelo diabo ao se aproximar o tempo do fim (2 Tess. 2:10-11). Não ousamos retirar os nossos olhos do Calvário ou tornar-nos despercebidos a respeito do breve retorno do nosso bem-aventurado Senhor.

A mensagem do primeiro anjo descreve «o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo» (Apoc. 14:6). Verificamos que o evangelho é eterno, e que deve ser feita uma proclamação mundial do mesmo. O anjo simboliza o povo de Deus empenhado na tarefa de proclamar o evangelho eterno ao mundo, *especialmente no tempo em que «vinda é a hora do juízo de Deus»*. Os conversos levam com urgência o evangelho da salvação ao mundo porque o tempo é curto, e com a promessa de que o resultado será obra do Espírito Santo que faz com que tal obra se «espalhe como fogo no restolho» — (*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág 118). «Durante o alto clamor, a igreja, ajudada pelas interposições providenciais do seu exaltado Senhor, difundará o conhecimento da salvação tão abundantemente que a luz será comunicada a toda a cidade e vila.» — *Evangelismo*, pág. 694.

Podemos pensar que Miller pregou mais juízo do que evangelho. Mas deveríamos lembrar-nos de duas coisas. Primeira, quase todos os Milleritas vieram de igrejas que ensinavam a salvação pela graça, e os relatos revelam que eles tinham uma íntima re-

CARL COFFMAN

Director do Departamento de Religião da Universidade de Andrews, Berrien Springs, Michigan, E.U.A.

lação com Cristo; eles aguardavam a *Sua* vinda. Segunda — relacionada com Daniel 8:14 e Apocalipse 14:7 — se Cristo devia vir no final do ano de 1844, então o seu tempo *era* de juízo. Foi essencial salientar o juízo, e salientá-lo com vigor. Uma pessoa que acreditava que o seu tempo de graça terminaria dentro de poucos meses deve ter-se sentido profundamente preocupada acerca do juízo — tanto para si mesma como para os outros.

Experiência diária

Oh, quanto necessitamos duma experiência diária como a daqueles crentes expectantes! «Cada manhã sentiam que era seu primeiro dever assegurarem-se da sua aceitação para com Deus. ... A certeza da aprovação do Salvador era-lhes mais necessária do que o seu alimento diário; e se uma nuvem escurecia as suas mentes, não descansavam até que fosse varrida. Ao sentirem o testemunho da graça perdoadora, ansiavam contemplar Aquele a quem as suas almas amavam.» — *O Grande Conflito*, pág. 323. A ênfase posta nos seus apelos às outras pessoas deve ter reflectido os seus próprios sentimentos — um amor profundo para com o Senhor, uma preocupação para com o juízo, e um desejo de se separarem do mundo. Mesmo membros de igreja podem facilmente ser desviados espiritualmente a não ser que mantenham pensamentos sérios acerca da iminência do juízo e da Segunda Vinda.

O evangelho do primeiro anjo é «eterno». Esta é a primeira vez em que o termo «eterno» ocorre na Bíblia em relação com o «evangelho». Que significa isto?

O evangelho, na verdade, não teve qualquer começo. I Pedro 1:20 diz-nos que a redenção mediante o precioso sangue de Cristo «foi previamente ordenado antes da fundação do mundo, mas foi-nos manifesto nestes últimos tempos.» Deus sabia antecipadamente que o pecado viria a surgir; a provisão para a redenção do pecador não foi uma medida de «emergência» tomada por Deus ao ser apanhado de surpresa, mas era parte do Seu eterno propósito. Romanos 16:25 mostra que o evangelho da salvação mediante Jesus Cristo, o qual Paulo pregava, era «a revelação do mistério, que esteve oculto desde que o mundo começou». O mistério era o eterno propósito de Deus em salvar pecadores, que esteve oculto desde que o mundo começou, ou literalmente, «desde tempos eternos», ou «desde séculos passados».

«O plano para a nossa redenção não foi um plano formulado depois da queda de Adão. Foi uma revelação do 'mistério que esteve oculto desde tempos eternos' Rom. 16:25, R.V.. Foi *um desdobrar dos princípios* que desde séculos eternos têm sido o fundamento do trono de Deus. Desde o princípio, Deus e Cristo sabiam acerca da apostasia de Satanás, e da queda do homem mediante o poder enganador do apóstata. Deus não ordenou que o pecado deixasse existir, mas previu a sua existência, e fez provisão para fazer face à terrível emergência» — *O Desejado*, pág. 22. Os princípios de amor e de miseri-



córdia são atributos do nosso perfeito Deus. Um plano de salvação para um pecador deveria estar sempre na mente dum Deus de total amor e misericórdia. Na verdade, nunca houve um tempo em que não tenha existido o plano da salvação.

Para a raça humana o evangelho eterno começou com a promessa de Génesis 3:15, quando Deus disse à serpente: «Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar.» Começou na terra no dia em que foi preciso. Adão e Eva experimentaram «reconciliação» com Deus exactamente no mesmo dia em que pela primeira vez se sentiram separados d'Ele pelo pecado. Teve lugar nesse dia justificação pela fé. O segredo de se obter êxito contra o maligno consiste em se sentir identificado com os acontecimentos desse dia. «É a graça que Cristo implanta na alma, que cria no homem a inimizade contra Satanás. Sem esta graça que converte, e este poder renovador, o homem continuaria cativo de Satanás, como servo sempre pronto a executar-lhe as ordens.» — *O Grande Conflito*, pág. 406. O nosso Deus de amor, misericórdia e graça proveu tudo quanto necessitamos para sermos salvos.

O primeiro sacrifício

Lede no livro *História da Redenção* o relato do primeiro sacrifício, maravilhoso por um lado e terrível por outro, que Adão e Eva ofereceram após o seu primeiro pecado. Há aí duas frases plenas de significado. «Ao olhar para a vítima ensanguentada, debatendo-se nas agonias da morte, ele devia contemplar pela fé o Filho de Deus, a quem a vítima prefigurava, e que devia morrer em sacrifício pelo homem. ... Ao matar Adão a inocente vítima, pareceu-lhe estar

derramando o sangue do Filho de Deus com a sua própria mão». — Pág. 50

O Velho Testamento está marcado com muitos altares. O plano da salvação, assim como os Dez Mandamentos, foi apresentado a Moisés no Sinai (*Patriarcas e Profetas*, pág. 330). O santuário terrestre era um instrutor diário para os pecadores acerca do plano da salvação. E Daniel 9:24-25 deu a data para a unção do Messias, que deveria revelar o amor e a misericórdia divinos, até à Sua morte, a favor daqueles que mereciam morrer eternamente. Que revelação da natureza da bem-aventurada Trindade!

Somente aqueles que conhecem o seu Senhor e a natureza dum Deus de tal amor e misericórdia cumprirão a última parte de Apocalipse 14:6. Eles levarão este maravilhoso evangelho salvador «aos que habitam sobre a Terra, e a toda a nação, e tribo e língua e povo». Este assunto deveria despertar a cada um de nós. Temos desenvolvido toda a espécie de racionalizações a respeito de darmos o evangelho aos outros, sabendo, por outro lado, que quase já passou um século e meio desde que Deus chamou um povo para cumprir essa tarefa.

Existe um laço inseparável entre o recebimento da graça salvadora de Deus e o partilhar com outros o que se haja recebido. Os Cristãos renascidos encontrarão alguma maneira de testemunhar. Enquanto a igreja do primeiro século esteve cheia do primeiro amor, o evangelho foi espalhado. Sem isso, «o mundo foi roubado das bênçãos que Deus desejava que os homens recebessem». — *Testimonies*, vol, 8, pág. 26. Ellen White lembra-nos: «A mensagem de Apocalipse 14 é a mensagem que nós devemos dar ao mundo. É o pão da vida para estes últimos dias. ... Muitos esquecem que lhes foi confiado o pão da vida para dar àqueles que estão famintos da salvação». *Idem*, pág. 27.

O evangelho eterno, se recebido, converte pessoas. As pessoas convertidas proclamam a sua experiência a todos ao seu alcance. Os Milleritas realizaram bem esta tarefa, no curto espaço de tempo de que dispuseram. Quão bem a estamos a realizar hoje, à luz dum juízo a encerrar-se em breve, e a volta iminente d'Aquele que é «o evangelho eterno»?

(*Continua*)

A União das Igrejas

E. G. WHITE

1. Irão todas as denominações Protestantes da América entrar para a união vindoura das igrejas?

«Quando as principais igrejas dos Estados Unidos, ligando-se em pontos de doutrina que lhes são comuns, influenciarem o Estado para que imponha os seus decretos e lhes apoie as instituições, a América protestante terá então formado uma imagem da hierarquia romana, e o resultado inevitável será a inflicção de penas civis aos dissidentes». — *GC* 355.

2. Sobre que bases se unirão eventualmente as igrejas protestantes?

«A vasta diversidade de crenças nas igrejas protestantes é por muitos considerada como prova decisiva de que jamais se poderá fazer esforço algum para se conseguir uma uniformidade obrigatória. Há anos, porém, que nas igrejas protestantes se vem manifestando poderoso e crescente sentimento em favor de uma união baseada em pontos comuns de doutrina. Para conseguir tal união, deve-se necessariamente evitar toda a discussão de assuntos em que não estejam todos de acordo, independentemente da sua importância do ponto de vista bíblico». — *GC* 355.

3. Quais são as duas principais doutrinas erróneas mantidas em comum pelas igrejas?

«Mediante os dois grandes erros — a imortalidade da alma e a santidade do domingo — Satanás há-de enredar o povo nas suas malhas. Enquanto o primeiro lança o fundamento do espiritismo, o último cria um laço de simpatia com Roma». — *GC* 471.

4. Reunir-se-á finalmente o Protestantismo com o Catolicismo?

a) — «A palavra de Deus ensina que estas cenas devem repetir-se, quando os católicos romanos e protestantes se unirem para a exaltação do domingo». — *CG* 464.

b) — «Como se desenvencilhará a igreja Romana da acusação de idolatria não o podemos ver. ...E esta é a religião que os Protestantes estão a começar a olhar com tanto fervor, que finalmente será unida com o Protestantismo». *RH* 1-6-1886, pág. 338.

c) — «Enquanto durar o tempo da graça, haverá oportunidade para o colportor trabalhar. Quando as denominações religiosas se unirem com o papado para oprimirem o povo de Deus, lugares onde há liberdade religiosa serão abertos pela colportagem evangelística». — *6T* 478.

5. Haverá unidade organizacional ou unidade de acção?

a) — «O professo mundo protestante formará

uma confederação com o homem do pecado, e a igreja e o mundo estarão em corrupta harmonia». 7BC 975.

b) — «O romanismo no Velho Mundo, e o protestantismo apóstata no Novo, adoptarão uma conduta idêntica para com aqueles que honram todos os preceitos divinos». — GC 495.

6. *Será Roma a mudar ou o Protestantismo a fim de tornar possível esta união?*

a) — «Esta união não será, todavia, efectuada por uma mudança no Catolicismo; pois Roma nunca muda. Ela reivindica infalibilidade. É o Protestantismo que mudará. A adopção de ideias liberais da sua parte trá-lo-á ao lugar onde pode dar as mãos ao Catolicismo. 'A Bíblia, a Bíblia, é o fundamento da nossa fé', foi o grito dos protestantes no tempo de Lutero, enquanto que o grito dos católicos era: 'Os Pais, o costume, a tradição'. Agora muitos protestantes acham difícil provar as suas doutrinas pela Bíblia, e todavia não têm a coragem moral de aceitar a verdade que envolve uma cruz; por conseguinte, estão rapidamente a aproximar-se do terreno dos católicos. ...Sim, os protestantes do século dezanove estão-se rapidamente aproximando dos católicos na sua infidelidade para com as Escrituras». — RH 1-6-1886, pág. 338.

b) — «Os protestantes dos Estados Unidos se-

rão os primeiros a estender as mãos através da voragem para apanhar a mão do espiritismo; estender-se-ão por sobre o abismo para dar as mãos ao poder romano; e, sob a influência desta tríplice união, este país seguirá as pegadas de Roma, conculcando os direitos da consciência». — GC 471.

c) — «Quando o protestantismo estender os braços através do abismo, a fim de dar uma mão ao poder romano e outra ao espiritismo, quando por influência desta tríplice aliança os Estados Unidos forem induzidos a repudiar todos os princípios da sua Constituição, que fizeram deles um governo protestante e republicano, e adoptar medidas para a propagação dos erros e falsidades do papado, podemos saber que é chegado o tempo das operações maravilhosas de Satanás e que o fim está próximo». — 2TS 151; 5T 451.

d) — «O protestantismo dará as mãos de parceria ao poder romano. Haverá então uma lei contra o Sábado da criação de Deus, e será então que Deus realizará a Sua 'estranha obra' na Terra». — 7BC 910.

e) — «Quando a nossa nação abjurar os princípios do seu governo de tal forma que vote uma lei dominical, nesse próprio acto o protestantismo dará a mão ao papado. ...» — 2TS 318; 5T 712.

7. *Quão poderoso se tornará finalmente o papado na América?*

«Os protestantes ... estão abrindo a porta ao papado para que este readquira na América protestante a supremacia que perdeu no Velho Mundo». GC 460.

8. *Quem dirigirá as pessoas ao unirem-se elas para se oporem aos seguidores de Deus?*

«Ao nos aproximarmos da última crise, é de vital importância que existam entre as instrumentalidades do Senhor harmonia e União. O mundo está cheio de tempestade, guerra e contenda. Contudo, sob a direcção duma cabeça — o poder papal — o povo se unirá para opor-se a Deus na pessoa das Suas testemunhas. Esta união é cimentada pelo grande apóstata». — 3TS 171; 7T 182.

9. *Quem está, na realidade, por detrás do papa?*

«Há um que é apontado na profecia como o homem do pecado. Ele é o representante de Satanás. ... Aqui está o homem que é a mão direita de Satanás pronto para continuar a obra que ele começou no céu, isto é, a de tentar alterar a lei de Deus. E o mundo cristão tem sancionado os seus esforços ao adoptar este filho do papado — a instituição do domingo. — 7BC 910; RH 9-3-1886, pág. 146.

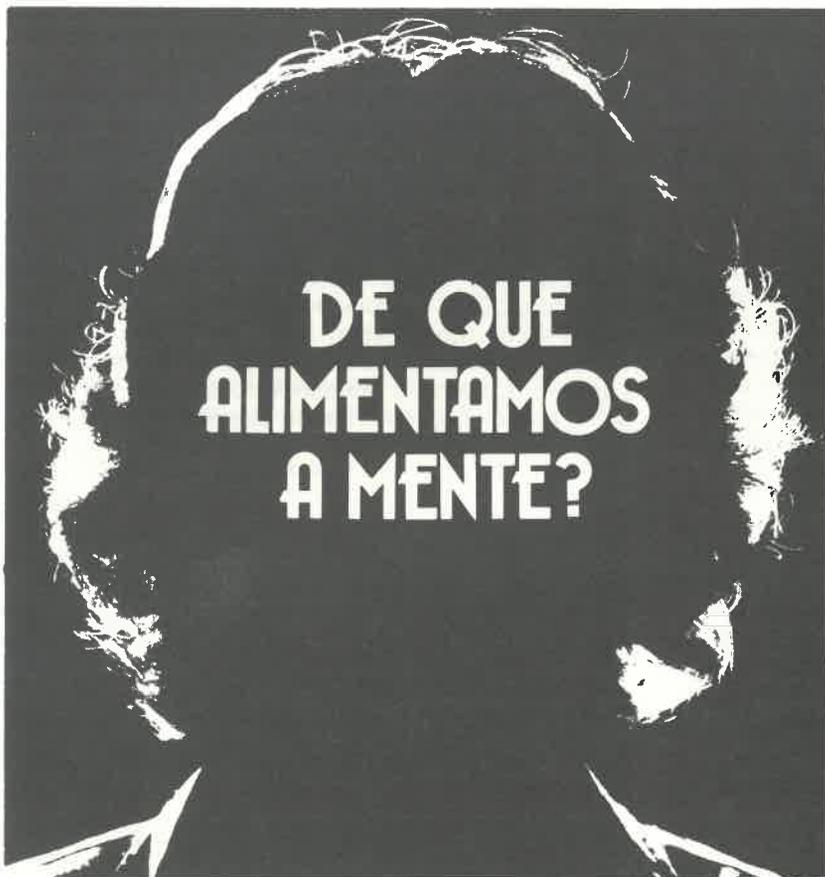
10. *Que deveríamos estar a fazer agora, a fim de enfrentarmos com êxito esta oposição combinada da cristandade?*

«O mundo é contra nós, as igrejas populares são contra nós, as leis da terra serão em breve contra nós. Se já houve tempo em que o povo de Deus devesse unir-se, esse tempo é agora». — 2TS 77; 5T 236.



O romanismo no Velho Mundo, e o protestantismo apóstata no Novo, adoptarão uma conduta idêntica para com aqueles que honram todos os preceitos divinos.

GC 495



ANGEL CODEJON

Li que o cérebro humano possui mais de dez mil milhões de células nervosas, chamadas neurónios. É provável que em cada centímetro cúbico de cortex cerebral haja uns 975 quilómetros de fibras nervosas que ligam as células entre si. Se os neurónios e fibras de um cérebro humano se estirassem de modo a formar uma única linha, abarcariam a distância de ida e volta à lua. O facto de não estarem colocados dessa maneira permitiu ao homem que lá chegasse por si mesmo. Esta assombrosa rede que existe na nossa cabeça, é que nos permite ser o que somos...

Salomão afirma em Provérbios 23:7: «Porque como imaginou na sua alma, assim é...»

Somos realmente o que somos na nossa mente. Ali está a chave do nosso bem-estar físico, mental, moral e espiritual. É um privilégio e uma responsabilidade sa-

ber que somos seres pensantes. A mente é o nosso ser interior. Quão profundamente misterioso e maravilhoso é o ser humano! Toda a nossa personalidade é o resultado do nosso pensamento. Disse Nancy Lincoln:

«Semeia um pensamento e colherás uma acção; semeia uma acção e colherás um carácter; semeia um carácter e colherás um destino eterno».

O grande fotógrafo sueco, Lenart Nilsson, dedicou oito meses completos ao êxito da sua reportagem sobre o interior do cérebro. Publicou em Paris alguns diapositivos desse trabalho, que foram muito apreciados. Tem-se dito que o cérebro da mulher é mais pequeno do que o do homem, mas está provado que tem o mesmo quociente de cefalização e, por conseguinte, não pode ser imputado como índice de menor inteligência...

Não existe discriminação: homens e mulheres iguais (empatados em quociente). Podemos pensar por conta própria, elaborar pensamentos próprios, saber en-

contrar a nossa própria reacção, a *nossa*, e não o que nos impoñham, porque «cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus» (Rom. 14:12).

Balmes disse que o homem era «uma fábrica» e não «um armazém». E quando pudermos comprovar essas reacções na nossa alma, essa «co-laboração» de pensamentos, quando pudermos dar-nos conta do funcionamento da nossa fábrica, por mais pequena que seja, sentiremos a inigualável satisfação de nos termos encontrado a nós próprios.

A pena inspirada diz no livro *Educação*, páginas 17 e 18: «E a obra da verdadeira educação consiste em desenvolver esta faculdade, adestrar os jovens para que sejam pensantes e não meros reflectores do pensamento de outrem. ... Em vez de pusilânimes educados, as instituições de ensino poderão produzir homens fortes para pensar e agir, homens que sejam senhores e não escravos das circunstâncias, homens que possuam amplidão de espírito, clareza de pensamento, e coragem nas suas convicções.»

Influência dos nossos pensamentos sobre o nosso organismo

Uma importante autoridade médica refere o seguinte: «Nove de cada dez enfermidades têm a sua origem na mente ou são agravadas ou mantidas por influências mentais.» (*Goce de una vida sana y feliz*, pág. 79.)

Há muitas pessoas que adoeçam e até morrem por males «fabricados» pela sua imaginação. Na crónica de um jornal diário relatava-se o caso de um homem cujo trabalho era limpar vagões de comboio e que tendo ficado fechado dentro de um vagão frigorífico foi encontrado morto após um pequeno percurso de trinta quilómetros. Sem dúvida que o seu suplício mental foi horrível a julgar por uma nota que escreveu antes de morrer: «O frio aumenta. Receio que ninguém venha salvar-me. Arrefeço lentamente e já me vou deixando adormecer. Sinto que já não terei forças para escrever mais.»

A verdade é que ele não morreu por acção do frio, pois o equipamento de refrigeração desse vagão estava avariado. Matou-o o seu pensamento...

Demonstrou-se que os feridos de guerra vitoriosos se curam rapidamente. Todos conhecemos a experiência daquele mulher doente que tinha um fluxo de sangue (hemorragia) e que tocou a ponta do manto de Jesus pensando que se assim fizesse se curaria.

Na dimensão do pensamento, somos nós próprios que nos projectamos. Assim, «O optimista pensa que todas as portas têm gonzos e maçanetas. O pessimista pensa que todas tem fechaduras e ferrolhos.» (*Selecciones*, Janeiro de 1980, pág. 49).

De que se alimenta a nossa mente?

A nossa mente alimenta-se do que lhe damos e por isso temos uma responsabilidade pessoal. Os pensamentos bem elaborados não se obtêm por acaso. O hábito de pensar bem tem de ser cultivado diariamente e com muita perseverança. «Cada um é arquitecto do seu próprio carácter.» (*Orientação da Criança*, pág. 164.)

Faremos bem em prestar atenção a esta inspirada declaração: «Os que não querem ser presa dos ardis de Satanás devem guardar bem as estradas da alma; devem evitar ler, ver ou ouvir tudo o que sugira pensamentos impuros...» (*Mensagens aos Jovens*, pág. 285.)

Sempre me tem impressionado a experiência de Voltaire, citada no livro *Orientação da Criança*, página 196: «Quando Voltaire tinha cinco anos de idade, decorou um poema incrédulo e a pernicioso influência nunca se apagou da sua mente. Tornou-se um dos agentes de maior êxito de Satanás para desviar os homens de Deus. Milhares se levantarão no juízo e atribuirão ao incrédulo Voltaire a ruína da sua alma.»

Cada jovem determina o curso da sua vida através dos pensamentos e sentimentos acariciados nos seus primeiros anos...

Sabemos que a maneira de alimentar-nos influi na nossa ma-

neira de pensar. Comer e beber erroneamente produz pensamentos e acções erróneas.

Não falamos sequer das drogas, que são um veneno mortal para a mente e para todo o organismo.

A Solução

«Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai» (Fil 4:8). Aqui temos um bom campo de cultivo. Este versículo é como crivo, ou peneira. Que ocupa o meu pensamento neste momento? É verdadeiro? É justo? É puro? É amável? É edificante? ... É lei da vida que se um homem pensar nalguma coisa frequente e persistentemente acabará por chegar o momento em que não poderá deixar de pensar nela. Daqui a importância de que o homem e a mulher pensem em coisas dignas.

Façamos uma revolução na nossa mente! Como? Transformando-nos «por meio da renovação do nosso entendimento». «Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus» (Romanos 12:2).

A vida está cheia de dramas. Exercemos discernimento para não os representar nem sequer em ficção teatral. Pediram-me a minha opinião sobre uma obra de teatro e a minha resposta foi duas inspiradas passagens: «Não reunamos pois todos os quadros desagradáveis — iniquidades e decepções — provas do poder de Satanás — a fim de os suspender nas paredes da memória, para falar e lamentar sobre essas coisas até que as almas fiquem cheias de desânimo. ... Graças a Deus, quadros mais luminosos e animadores são-nos apresentados pelo Senhor.» — *Testemunhos Selectos*, vol. II, págs. 341, 342.

«A descrição horripilante de crimes e atrocidades exerce sobre muitos jovens influência enfeiti-

çante, excitando-lhes o desejo de alcançar celebridade por meio de actos da maior maldade. Grande número de obras existe que são mais históricas e cuja influência nem por isso é melhor. As atrocidades, as crueldades, as práticas licenciosas, descritas nessas obras têm actuado em muitos espíritos como fermento que os leva à prática de actos semelhantes. Livros que descrevem as práticas satânicas dos seres humanos, dão publicidade às más obras. Não é necessário reviver os pormenores horríveis dos crimes e sofrimentos, e ninguém que crê na verdade presente deve participar da perpetuação da sua lembrança.

As novelas de amor e histórias frívolas e excitantes, constituem outra espécie de livros que são uma maldição para todo o leitor. Pode o autor inserir um bom conceito moral, e entremear a sua obra de sentimentos religiosos; não obstante, em muitos casos, Satanás não fica senão disfarçado com vestes angélicas, a fim de com mais facilidade enganar e seduzir. Em grande medida a mente é influenciada pelas coisas de que se nutre. Os leitores de histórias frívolas ou excitantes ficam incapacitados para o cumprimento dos deveres que lhes incumbem. Vivem vida irreal, e não têm o desejo de examinar as Escrituras para nutrir-se do maná celestial. Debilita-se-lhes a mente e perdem a faculdade de considerar os grandes problemas do dever e do destino.» *Testemunhos Selectos*, vol. III, págs. 164, 165.

Um apelo

Agora que «nós temos a mente de Cristo» (I Cor. 2:16), tomemos a decisão de apenas dar guarida a pensamentos enobrecedores e edificantes. «Porque eu bem sei os pensamentos que penso de vós, diz o Senhor; pensamentos de paz, e não de mal, para vos dar o fim que esperais» (Jer. 29:11).

«E a paz de Deus, que excede de todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos [*pensamentos*, dizem outras versões], em Cristo Jesus» (Filipenses 4:7).

Tornar o Evangelho compreensível para as crianças

HARALD KNOTT

Resumo de uma palestra pronunciada por H. Knott, director do Departamento da Escola Sabatina da Divisão Euro-Africana, numa convenção de monitores das Classes Infantis. O assunto interessa a todos, dado que todos estamos empenhados na evangelização das crianças. É uma tarefa prioritária.

Precisamos de examinar este assunto no seu todo. Não se trata apenas de explicar como contar às crianças as histórias da Bíblia. E não é no Sábado de manhã, ao chegar à classe infantil, que todos os problemas com ela relacionados podem ser resolvidos. Isso deve começar muito antes. Quem desejar fazer compreender a «boa nova» às crianças terá em consideração diversos factores a serem examinados em tempo oportuno, porque não é no início da Classe da Escola Sabatina que deles se poderá ocupar.

Em primeiro lugar, a concepção pessoal da monitora ou monitor sobre o Evangelho e sobre o mandato que Jesus lhes confia tem um papel decisivo. Em Mateus 19:14 lemos: «Jesus, porém, disse: Deixai os meninos, e não os estorveis de vir a Mim; porque dos tais é o reino dos céus.» E como realizaremos esta comissão? No caminho que conduz ao Salvador, as crianças dependem totalmente de nós. Incumbe-nos dirigi-las, indicar-lhes o caminho recto e proporcionar-lhes o seu encontro com Jesus. Cada criança precisa de um «Eli» que lhes torne compreensível a voz de Deus.

A recomendação do Mestre a este propósito é bastante significativa: «Não as estorveis!» Que grande responsabilidade esta advertência faz pesar sobre nós! Talvez que, indignados, repliquemos: «Mas nós não as estorvamos de ir a Jesus. Nós *queremos* conduzir as crianças a Ele!»

Estou convencido que de facto todos nós *queremos* levar os nossos jovens aos pés de Jesus. Mas que se passa realmente comigo quando me encontro diante de alguém que se esforça por alcançar determinado objectivo e não lhe dou senão uma pequena

ajuda, quando poderia fazer muito mais e melhor? Não se tratará então de um comportamento «obstrutivo»? E é aqui que surge a pergunta capital: fazemos nós, de facto, tudo quanto podemos pelas nossas crianças? Proporcionamos-lhes um verdadeiro acesso junto de Jesus?

Por ocasião dos grandes esforços de evangelização gastam-se grandes quantias que são, sem dúvida, justificadas. Mas quanto se concede para a obra da Escola Sabatina infantil? Nós deveríamos habituar-nos a considerar este ramo da Obra como um trabalho de evangelização de primeira qualidade. Lembremo-nos: «Não as estorveis!» Em Deuterónimo 6:6, 7 há uma passagem que nos mostra claramente as nossas responsabilidades para com os nossos próprios filhos: «Estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as intimarás aos teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te.» Esta ordem encerra um dos segredos que permitiu ao povo de Israel subsistir através dos séculos e dos milénios. Muitas vezes nos interrogamos como foi possível a este povo conservar a sua unidade até aos nossos dias, apesar da sua disseminação entre outras nações e as suas longas peregrinações no deserto. Os Israelitas seguiram o conselho de Deus e inculcaram nos seus filhos estes mesmos elementos religiosos que fizeram deles não só uma nação mas também o povo de Deus da Antiga Aliança. E assim é que através da sua posteridade a fé hebraica foi conservada pura e não falsificada. Esta experiência deveria mostrar-nos a nós, adventistas do sétimo dia, que a semente colocada no coração de uma criança nela deixa uma marca para toda a vida. Se desejamos, pois, que a nossa herança espiritual específica seja mantida inalterada e não adulterada até ao dia da volta do Senhor, basta-nos obedecer, por nossa vez, ao conselho que Deus deu outrora à nação israelita.

De resto, é verdadeiramente necessário que, nestes tempos conturbados em que vivemos, nós revistamos os nossos filhos de uma sólida armadura espiritual. Em Êxodo 10:8-11, 24: «Então Moisés e Aarão foram levados outra vez a Faraó, e ele disse-lhes: Ide, servi ao Senhor, vosso Deus. Quais são os que hão-de ir? E Moisés disse: Havemos de ir com os nossos meninos e com os nossos velhos; com os nossos filhos e com as nossas filhas, com as nossas ovelhas e com os nossos bois havemos de ir; porque festa do Senhor temos. Então ele lhes disse: Seja o Senhor assim convosco, como eu vos deixarei ir a vós e aos vossos filhos: olhai que há mal diante da vossa face. Não será assim: andai, agora, vós, va-

HARALD KNOTT

Director do Departamento da Escola Sabatina da Divisão Euro-Africana

rões e servi ao Senhor, pois isso é o que pedistes. E os lançaram da face de Faraó... Faraó chamou a Moisés e disse: Ide, servi ao Senhor; somente fiquem as vossas ovelhas e às vossas vacas; vão também convosco as vossas crianças.»

É-nos aqui apresentada uma cena de incontestável grandeza. Eis-nos na presença de um monarca enfurecido porque está na iminência de perder toda a mão de obra que ele usa a seu belo prazer. Não quer deixar esses trabalhadores irem-se embora, mas vê-se na obrigação de os deixar livres pelo menos para irem servir o seu Deus. Todavia, para os constrianger a voltar ao Egito, só permite que vão ao deserto os homens. As mulheres e as crianças ficarão como reféns. Estratégia bem pensada!

Mas há Moisés, homem de Deus. Ele detecta imediatamente o plano de Faraó e declara-lhe: Havemos de ir todos! Com os nossos filhos e filhas! Façamos coincidir este quadro com o da nossa própria situação como povo de Deus dos últimos dias: deixámos o Egito simbólico, o mundo do pecado e encontramos-nos agora a caminho da Canaã celeste. Como procedemos nós? Fazemos, tal como Moisés, tudo ao nosso alcance para levar connosco os nossos filhos e filhas?

É bem evidente que o dirigente da classe infantil não é o único a ter a responsabilidade da salvação das crianças, porque, em primeiro lugar, essa responsabilidade repousa sobre o lar e sobre os pais. A família e a Escola Sabatina devem colaborar a fim de que as nossas crianças possam estar connosco quando entrarmos os portões da pátria celeste!

Relacionado com este mesmo tema vejamos agora I Samuel 3:8, 9: «O Senhor, pois, tornou a chamar a Samuel, terceira vez, e ele se levantou, e foi a Eli, e disse: Eis-me aqui, porque tu me chamas-

te. Então entendeu Eli que o Senhor chamava o mancebo, pelo que Eli disse a Samuel: Vai-te deitar, e há-de ser que, se te chamar, dirás: fala, Senhor, porque o Teu servo ouve. Então Samuel foi e se deitou no seu lugar.»

As nossas crianças precisam dos seus pais mas precisam também de homens e mulheres consagrados que possam velar sobre elas, os cordeiros do rebanho e guiá-las na compreensão das Sagradas Escrituras. Assim como o sacerdote Eli ajudou o pequeno Samuel a perceber distintamente o chamado de Deus, também nós precisamos de desempenhar o mesmo serviço junto das nossas crianças. Tal é a missão da qual cada monitora, cada monitor da secção infantil da Escola Sabatina é chamado a compreender o alcance. É uma das primeiras condições espirituais a preencher por quem quer que deseje comunicar o Evangelho às crianças.

Os monitores das classes das crianças devem também estar conscientes da urgência da sua divina missão. Trata-se da condição seguinte, capaz de lhes assegurar um serviço profícuo. William Booth, o fundador do Exército da Salvação, disse um dia: «O nosso assunto de primordial preocupação deve ser as nossas crianças!» E, por que é tal assunto tão importante e urgente? Devido:

1. À depravação do mundo em que vivemos.
2. Ao entusiasmo de que serão capazes os jovens que nos ajudarão a terminar a obra, desde que sejam integrados de maneira judiciosa no serviço do nosso Mestre.

Nos Estados totalitários faz-se tudo pelas crianças e adolescentes. Tudo está à sua disposição. É a tática usada por esses regimes políticos para procurarem ganhar a juventude para as suas ideologias, para os integrarem nas acitvidades do Estado, do





Endereços de Novas Igrejas

LAGOA (Algarve)

Rua Carlos da Maia, lote 9 R/C
Responsável: Pastor Júlio Cardoso

PORTIMÃO (Algarve)

Rua das Oliveiras
Responsável: Pastor Júlio Cardoso
Apartado 312
8500 PORTIMÃO

GUARDA

Avenida João Ruão — GUARDA - GARE
Responsável: Pastor Manuel Oliveira
Actividades no Sábado às 15:30 horas

Todos os Irmãos que conheçam interessados ou tenham familiares naquelas áreas devem entrar em contacto com os respectivos Pastores.

Lugares a funcionar brevemente:

CORROIOS

Rua Cidade de Porto Amélia, 8
Corroios, 2840 SEIXAL
Responsável: Pastor Paulo Morgado
B1. C9, It 2-8.º A, Miratejo
Laranjeiro — 2800 Almada

CARREGAL DO SAL

R. Alexandre Braga
Responsável: P. Amílcar Lopes
Ancião local: António Lima

VILA REAL DE TRÁS-OS-MONTES

Residência do Pastor Mário Brito:
Av. D. Dinis, Bloco C, Fracção G-3.º Esq
5000 VILA REAL

partido ou seus organismos. A razão do pensamento seguinte é bem reconhecida e explorada: «O futuro pertence aquele que ganhar os jovens!» Quando eu comparo esta declaração com o relativamente pouco que fazemos aqui e além na Igreja pelos jovens, acontece-me pensar nesta palavra de Jesus: «Porque os filhos deste mundo são mais prudentes. ... do que os filhos da luz.» (Lucas 16:8.)

Mencionei já quão importante é proporcionar aos nossos filhos uma boa armadura espiritual, numa época em que a escola dos valores morais é continuamente posta em questão. As nossas crianças são ameaçadas pela influência que sobre elas exercem os meios de comunicação. As ideias da escola moderna fazem pressão sobre o seu espírito. Se neste contexto nos lembrarmos dos problemas relativos à evolução e à criação, compreendemos imediatamente que os nossos pequenos e jovens estão confrontados com tensões que se tornam quase insuportáveis para eles se os deixarmos entregues a si mesmos.

Nos nossos dias conceitos que evocam valores tais como o amor, a honestidade, a pureza, a temperança são postos a ridículo. Os indivíduos que se esforçam por conformar-se com ideais elevados são qualificados de tolos, atrasados. Não estão de acordo com a época em que vivem: são anacrónicos! Há uma inversão de valores.

Os nossos jovens e crianças têm de viver no seio desta sociedade. Encontram-se entre duas correntes de influências opostas. É dever da família, bem como da Escola Sabatina, criar um antídoto para a atmosfera nefasta que circunda os nossos filhos. Somente monitores da Escola Sabatina esclarecidos e conscientes da urgência da sua missão terão as qualificações interiores necessárias para tornar o Evangelho compreensível para os seus jovens alunos.

Desejo salientar um terceiro requisito espiritual — talvez o mais importante: o contacto pessoal dos responsáveis das classes infantis com Jesus Cristo. Interrogais-vos sobre como agir para que as crianças compreendam a mensagem bíblica? Nunca poderá ser transmitido pura e simplesmente qualquer teoria que se aprendeu de cór, mas que é estranha ao nosso coração!

Os nosso pequeninos têm a alma muito sensível e notam imediatamente se nos apoiamos sobre teorias ou se as nossas palavras e aquilo que contamos são algo de vivido. Aquilo de que as crianças precisam, além das narrativas que a Bíblia contém, é precisamente o testemunho pessoal dos seus instrutores, testemunho que será fruto de uma aventura vivida em companhia do Salvador. Quando o Evangelho é apresentado desta maneira, produz sobre os jovens discípulos de Jesus a impressão desejada. A Palavra de Deus torna-se para eles inteligível e concreta e, por conseguinte, ficam aptos a receber a mensagem da salvação.

Às condições espirituais que acabam de ser expostas, convém juntar um material técnico apropriado e alguns conhecimentos de ordem didáctica sobre o ensino e a psicologia da criança no seu desenvolvimento.

Alterações do Sono

DANIEL ESTEVES

**«Quando durante a noite,
não consigo dormir, ergo
o coração a Deus
em oração...»**

E. White

Das queixas que mais frequentemente são ouvidas nos consultórios médicos, ressaltam as que se referem a problemas do sono.

Cada vez mais o ser humano tem necessidade do sono, para fazer face à intensidade da sua vida. Das alterações do sono, a que mais problemas causa, e é mais valorizada, é a INSÓNIA, designação que não se nos afigura correcta, pois a ausência do sono, como o nome indica, é extremamente rara, sendo mais frequente a redução da sua duração (HIPO-SÓNIA) ou a sensação de o sono não ter sido reparador.

Para muitos, verifica-se uma necessidade de afirmação, brindando bem alto, e como uma autêntica bandeira, a informação de uma noite «mal dormida», ou «passada em claro», manifestando com isso uma atitude de auto-comiseração. De qualquer modo, e apesar da hipervalorização subjectiva que se dá à insónia, os resultados de estudos científicos feitos em vários locais, são concludentes quanto à magnitude do problema no campo da saúde pública. (32% dos habitantes de Los Angeles referem sofrer de «insónias»; 50% dos habitantes dos E.U.A. utilizam HIPNÓTICOS — indutores do sono — sendo destes 20% jovens).

O sono é constituído por uma suspensão da consciência e pela entrada em repouso da maior parte dos órgãos e aparelhos, mantendo-se contudo as funções vitais. Sabe-se hoje que existem estruturas nervosas que estão direc-

tamente envolvidas nos processos referentes ao sono, e que permitem a sucessão normal das 5 fases principais de cada ciclo do sono. Para um adulto, uma noite normal envolve a repetição do ciclo (3 a 5 vezes) qual disco que lentamente vai rodando sobre o seu eixo.

Desde os tempos mais remotos, que o homem procurou antídotos para as alterações do seu repouso. Começou por se servir dos efeitos hipnóticos do álcool, até chegar aos produtos que hoje pululam no mercado, e que para alguns, tomam um carácter quase milagroso. Desenvolvem-se verdadeiras situações de dependência desses produtos com o aparecimento do «síndrome de privação» quando não são usados de acordo com a rotina.

Sabe-se que, apesar de poderem ter outras causas e origens, as insónias, em grande parte dos casos, estão relacionadas com alterações psíquicas, quer conscientes quer inapercebidas, relacionadas com tensões nervosas, alteração de hábitos, mudanças de ambiente, preocupações evidentes, incapacidade de relacionamento com os outros, impossibilidade de atingir os objectivos propostos (também a nível religioso), convencimento da inutilidade própria e da ausência de interesse na vida.

Desta forma, e sem invalidar os conceitos que possam estar subjacentes às outras formas de insónia (orgânicas e/ou hereditárias), propomos como medidas básicas para a correcção, as seguintes:

a) Não fuja a uma boa análise de si próprio no sentido de reformular a sua vida caso seja conveniente.

b) Não se coloque na total dependência deste ou daquele medicamento para dormir.

c) Não impute aos outros a responsabilidade por tudo o que de

negativo lhe sucede. A sua saúde tem que ser defendida mesmo por si.

d) Não se sinta derrotado por não ver imediatamente os resultados dos seus esforços. Uma situação estabelecida ao longo do tempo pode exigir também algum tempo para ser resolvida.

e) Levante-se da sua cama quando vir que não consegue conciliar o sono. Muitos casos são tratados apenas com este cuidado, e eventualmente o seu cônjuge vai agradecer-lhe o facto de não ficar a movimentar-se na cama.

f) Procure ocupar a sua mente com outros assuntos que não a preocupação com o dormir.

g) Evite comer próximo da sua hora de deitar, e se fizer uma refeição nocturna, que ela seja a mais leve do dia.

h) Dê um passeio a pé antes de dormir. Se necessário tome um banho tépido imediatamente antes de ir para a cama. Este constituir-se-á num bom meio de relaxamento nervoso, o que lhe será muito útil.

i) Siga o conselho que podemos extrair do exemplo da senhora White na frase que serviu de introdução ao tema. Se o fizer, a insónia deixará de ser um incómodo para se tornar no elemento mais aliciente da sua vida espiritual, contribuindo decisivamente para a sua *Santificação*.

Procure que a sua existência aqui nesta terra seja vivida em moldes idênticos àqueles que nos serão oferecidos no Céu, e lembre-se que lá não há este ou aquele medicamento imprescindível para podermos dormir ou para aliviarmos as nossas tensões nervosas. Deveríamos tentar, aqui e agora, libertarmo-nos dos problemas que atormentam a nossa vida para que a mesma seja plena de satisfação cristã na comunhão com o SENHOR JESUS.

Cânticos na Noite



E. L. MICHIN

Sabia-se que naquela tenebrosa e miserável prisão os homens blasfemavam e praguejavam. Nunca se ouvira dizer que algum prisioneiro ali tivesse cantado. Todavia, «perto da meia noite, Paulo e Silas ... cantavam hinos a Deus, e os outros presos os escutavam» (Actos 16:25). Aquela prisão era um lugar horrível, mas para eles tornara-se suportável. Era um lugar escuro, mas para aqueles homens de fé, tornara-se luminoso. Eles cantavam como se estivessem às portas do céu. Os guardas e os presos ficaram assombrados. Como podiam aqueles homens torturados, cheios de frio e de fome, mostrar alegria e cantar?

Eis o seu segredo. Eles possuíam uma grande fé, uma força interior, e uma presença que os elevava acima do seu sofrimento e do lugar em que se encontravam. Cantavam hinos de amor, de esperança e de paciência, *à meia noite*. Também nós podemos ter esta experiência, porque é Deus «que dá salmos entre a noite» (Job. 35:10).

«Qualquer pessoa pode cantar durante o dia, mas os cânticos mais doces são os cânticos da noite. A noite canta um cântico de ontem, das bênçãos passadas e chama a memória para fortalecer a sua confiança. Canta cânticos do amanhã, da aurora nascente, do lar e do céu. E a noite canta cânticos da própria noite, porque a fé tem o seu cântico, tal como tem a sua visão. Há cânticos de perdão na noite de pecado, de paciência na noite de sofrimento, de conforto na noite de tristeza, de esperança e triunfo nas escuras horas da morte. Deus 'dá salmos entre a noite'. Ele próprio tem para os Seus amados um cântico final, que quase suave canção de embalar, os leva a adormecer aos acordes do Seu infinito amor. Os nossos cânticos de dia podem ser sobre nós próprios, mas os nossos cânticos na noite deveriam ser sobre Deus e servir assim de serenatas sob as janelas do céu.» — *George Eliot*.

Amigo, que espécie de cânticos na noite te tem dado Deus? Na última hora da terra, os filhos de Deus cantarão sobre a aurora nascente, sobre o lar e sobre o Céu.

Já aprendeste o cântico maravilhoso do perdão na noite de pecado? David cantou-o: «Bem-aventu-

rado aquele cuja transgressão é perdoada, e cujo pecado é coberto. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa maldade, e em cujo espírito não há engano» (Salmo 32:1,2).

Se aprendermos agora este cântico cantá-lo-emos naquele glorioso dia de triunfo, que em breve virá, quando «os resgatados do Senhor voltarão, e virão a Sião com júbilo: e alegria eterna haverá sobre as suas cabeças» (Isaias 35:10).

Há um cântico na noite do sofrimento. Os filhos de Deus através dos anos têm-no cantado. Não é fácil de aprender. Ninguém nos pode dizer porque somos chamados a sofrer, porque somos postos de lado quando ansiamos ter saúde para realizar os planos da nossa vida. Ninguém nos pode explicar porque tivemos aquele grande problema, porque aquele ente querido nos foi arrebatado. Ninguém pode dizer porque aquela negra experiência teve de vir à nossa vida. Não, não o sabemos agora, mas um dia Deus no-lo fará compreender perfeitamente. Entretanto Ele dar-nos-á um cântico de paciência, fé e esperança que iluminará o caminho e ministrará bênçãos aos outros que jornadaem connosco.

«E os outros presos os escutavam»

Provavelmente alguns desses presos tornaram-se mais tarde cristãos. Foram eles que contaram a história à igreja. Relataram como naquele triste lugar, no meio da negra e desesperante noite eles ouviram o som da música, os hinos de fé e de amor. Fora como um raio de luz vinda do céu. Reavivara a esperança, trouxera-lhes lembranças da sua infância e do lar paterno. Paulo e Silas não tinham consciência do ministério que estavam realizando através daqueles cânticos. Cantavam porque Cristo estava com eles, animando-os. Cantavam porque não podiam deixar de cantar. Sem que o sonhassem, estavam servindo aos outros, levando-lhes esperança, reavivando a fé e tornando mais fácil para eles «sofrer e ser fortes». Do mesmo modo, nós, sem que disso nos apercebamos, estamos de alguma maneira exercendo um ministério. Sem que tenhamos disso consciência estamos tocando outras vidas e influen-

ciando-as de uma maneira ou outra. Cada dia estamos afectando aqueles com quem nos associamos. São «companheiros de prisão», mais perto de nós do que pensamos — todos os que se encontram sós, desanimados, os oprimidos por pesados fardos, os que vivem com sentimento de culpa. Quão pouco nós sabemos das batalhas secretas que se travam nos corações ao nosso redor.

Não deveríamos esquecer que entre os mais elevados e mais eficazes, ministérios da vida estão aqueles que cumprimos sem disso nos darmos conta. Um sorriso amigável, de passagem, um caloroso aperto de mão de verdadeira camaradagem, palavras simpáticas que pronunciamos e a seguir esquecemos — tudo tem a sua acção. Quando nem sonhamos que estamos afectando alguém, podemos estar desempenhando o mais belo e mais eficaz trabalho à vista de Deus. Reclamamos e lamentamos e os outros sentem os nossos lamentos, embora os nossos lábios não pronunciem uma só palavra. Cantamos o nosso hino à meia noite porque Deus colocou a Sua paz nos nossos corações, e outros são animados.

Um homem malquisto pela sociedade contou que ao passar um dia numa rua, sentindo o peso de toda a sua vergonha, alguém lhe levantou a mão em cumprimento. Era apenas um gesto, talvez um hábito, um acto de instintivo cavalheirismo. Todavia, para aquele pobre homem, era como um raio de luz celestial no inferno da sua vida.

Ela era uma simpática velhinha que vivia numa quinta nas montanhas. Fui fazer-lhe uma visita para lhe dar algum conforto, mas foi ela quem me confortou. Encontrei-a de cama, tolhida de artrite reumatoide. Se a tivessem colocada em cima de duas cadeiras, o seu corpo teria ficado rígido como se fosse uma tábua. Os seus braços estavam rígidos e com dificuldade ela segurava um pau entre dois dedos. Na ponta deste pau havia um lenço com o qual ela mal conseguia limpar o rosto naquela quente tarde de Verão. Estava também completamente cega. E estava assim — cega e parálitica — havia quase 20 anos. Ao sentar-me junto dela notei que lhe brincava nos lábios um sorriso e que uma suave luz parecia irradiar dos seus olhos sem visão. Ela falou-me da bondade de Deus, como Ele tinha sido bom para com ela durante toda a sua vida. Agora ela ali estava à espera, à espera daquele bem aventurado momento em que haveria de vê-l'O e ao seu lar celestial. Nem uma palavra sobre os seus sofrimentos, sobre o seu desgosto. Durante a hora que passei com ela nenhum lamento saiu dos seus lábios, só louvor. Na realidade, «Deus dá salmos entre a noite» Esta «santa» cantava na sua noite hinos de fé, de amor e de esperança, e «os presos escutavam». O seu ministério, do qual ela se não dava conta, foi uma bênção para mim e para todos os que a conheceram.

Cantemos, irmãos, na nossa meia noite da tentação, da solidão, do sofrimento, ou do desânimo e «os prisioneiros» ouvirão. Então, quando esta breve vida terminar, haveremos de ouvir da boca do Mestre as palavras «Bem está». E isto é a única coisa para a qual vale a pena viver.

«... Como Enoc Contigo Andou»

As palavras deste bem conhecido hino adventista «Contigo, ó Deus, almejo andar» (*Cantai ao Senhor*, N.º 404) são bem apropriadas à nossa esperança de termos um dia a mesma gloriosa experiência de Enoc, que foi trasladado sem ver a morte.

Quando falo de hino adventista não me refiro ao facto de ele exprimir uma verdade de harmonia com a doutrina da igreja, porque isso os 620 hinos do nosso Hinário o fazem: caso contrário não teriam sido incluídos nele. Tão-pouco me refiro ao facto de a letra ter sido escrita por um adventista para uma música composta por um não-adventista, como é o caso de alguns hinos do nosso Hinário. Mas este hino sobre Enoc é um dos cânticos do nosso Hinário em que tanto a letra como a música são contribuições de membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Lillian Dale Stuttle (1855-1963), aluna do Colégio de Battle Creek e mais tarde assistente editorial, escreveu muitos e belos poemas. Este sobre «o sétimo depois de Adão» era um dos seus preferidos.

Há nas palavras originais, em língua inglesa, uma progressão que a nossa tradução portuguesa não pôde manter. A autora fala primeiro de «andar com Deus», a seguir de «andar com o Mestre» e finalmente de «andar, meu Salvador, contigo». Embora na nossa versão não exista este *crescendo* de companheirismo, reflexo de uma experiência profunda com Jesus, a ideia está todavia implícita no seu conjunto, pois o hino refere andar *com Deus, com o Senhor, com Jesus, contigo, ó Deus*. Esta pode e deve ser a nossa experiência, porque «todo o ser humano, qualquer que seja a sua sorte, pode ter a companhia que preferir. ... Pode neste mundo habitar em atmosfera celestial, comunicando aos tristes e tentados da Terra pensamentos de esperança e santidade, vindo ele próprio a ficar numa associação mais e mais íntima com o Ser invisível, semelhantemente àquele da antiguidade que andou com Deus, aproximando-se mais e mais do limiar do mundo eterno, e isto até que se abram os portais e ele ali entre. Não se achará ali como estranho.» — *Educação*, pág. 127.

A famosa cidade de Battle Creek bem pode chamar seu a este hino, pois a música foi composta por Edwin Barnes (1864-1930), director do Departamento de Música do colégio durante quase vinte anos — *E. E. White* (adaptado).

Notícias do Campo Algarvio

«Ouve, pois as súplicas do Teu Servo e do Teu povo Israel, que fizeram neste lugar; ouve Tu do lugar da Tua habitação desde os Céus; ouve, pois e perdoa.» II Crónicas 6:21.

Foi com este sentimento, certos de que do Seu Santo trono o Deus do Céu perdoaria os nossos pecados e ouviria todas as nossas orações que no Sábado, 26 de Fevereiro, tivemos o privilégio de dedicar ao Senhor mais um lindo lugar para o culto, para a meditação e para a oração.

Durante tantos anos foi esperança dos irmãos que vivem no Sotavento Algarvio ter um lugar de culto, e assim foi com profunda alegria e com sentimento de regozijo por esta grande dádiva que, pelas 15:30 horas desse Sábado e com a presença do Presidente e do Secretário-Tesoureiro da União, respectivamente Pastor Morgado e Pastor Santos, assim como do Pastor do Barlavento, irmãos e muitas visitas, abrimos as portas da Rua das Oliveiras, n.º 49.

Foi um dia grandemente abençoado para todos nós porque tivemos a certeza de que Deus esteve connosco.

O Presidente da União, Pastor Morgado, através do sermão de dedicação pediu ao Senhor que aquele lugar fosse um lugar onde todos os pecadores encontrassem perdão para os seus pecados. O pastor Santos proferiu a oração de dedicação.

O irmão Francisco, ancião da igreja de Faro, falou-nos um pouco da história desta igreja, onde salientou o grande tra-



balho feito por essa mulher dedicada ao Senhor que é a irmã Lídia Mendes.

Fomos também levados mais perto de Deus através da música e da poesia pela jovem Ana Maria Echevarria e pela irmã Carmen Sala, que de longe vieram para estar conosco, neste agradecimento a Deus.

Portimão, queridos leitores da Revista Adventista, sabem onde fica? Fica quase no extremo sul do nosso país. Será longe? Lembrai-vos que pode ser perto!!

Assim, nas vossas orações, pedi ao Senhor por esta igreja, para que dedicados ao Senhor possamos levar o Evangelho a todos os lugares, até que Cristo venha.

Júlio Cardoso

Notícias da Igreja de Évora

Se os primeiros batismos e a primeira santa ceia realizados desde que a congregação local foi contemplada com a presença de um obreiro foram momentos de profunda alegria espiritual, grande foi a emoção que sentimos quando da visita que nos fizeram cerca de 50 jovens (dos 10 aos 70 anos) que, vindos da região de Lisboa, se dirigiam ao Norte... de África.

Começámos a manhã com uma animada Escola Sabatina, numa sala a transbordar; animada pelo obreiro local e com a participação de todos, a lição da semana foi estudada tão minuciosamente quanto o tempo o permitiu.

Na hora do culto tivemos a felicidade de ouvir o irmão Mike Wiist, responsável da secção europeia da Rádio Mundial Adventista, que, depois de 10 minutos de experiências vividas pelos obreiros que trabalham em Rádio, abriu a palavra de Deus para uma interessante pregação.

Entre a Escola Sabatina e o Culto, tivemos a alegria de assistir à Investidura de quatro preciosos Tições, assim como de uma Desbravadora (que dirige o Clube de Tições local). Foi o Manuel Vieira quem, fardado a rigor e ajudado pelo obreiro local, acendeu as velas diante das quais os jovens fizeram a sua Promessa de lealdade a Jesus.

Foi com tristeza que vimos partir a camioneta que levava tantos jovens (e não só), enquanto a nossa minúscula sala ficava mais vazia que antes.

Agradecemos a visita, pedimos que voltem, e rogamos a todos que orem por



Évora, para que possamos ter uma nova sala, maior e mais digna, para encher com muitas preciosas almas que pertencem a Deus e vivem nesta bela cidade alentejana.

Por agora é tudo, mas prometemos voltar para vos contar a nossa história.

Armando A. Cottim

Educação Notícias de Coimbra

Em Outubro de 1978 a Igreja de Coimbra abriu as portas do rés-do-chão para se dar início à Escola Primária Adventista desta cidade, com duas belas salas de aula.

O Projecto deste plano e a sua concretização deve-se aos pastores Sandoval Melim e Alberto Narciso Nunes, e posteriormente ao Pastor Eduardo Graça que nos continua dando a sua constante e dedicada colaboração.

A Escola abriu com 25 alunos e nestes 4 anos, a média tem sido de 35 alunos nas 2 Fases.

Para quem conhece a cidade de Coimbra, tão cheia de preconceitos e tradições este número é animador.

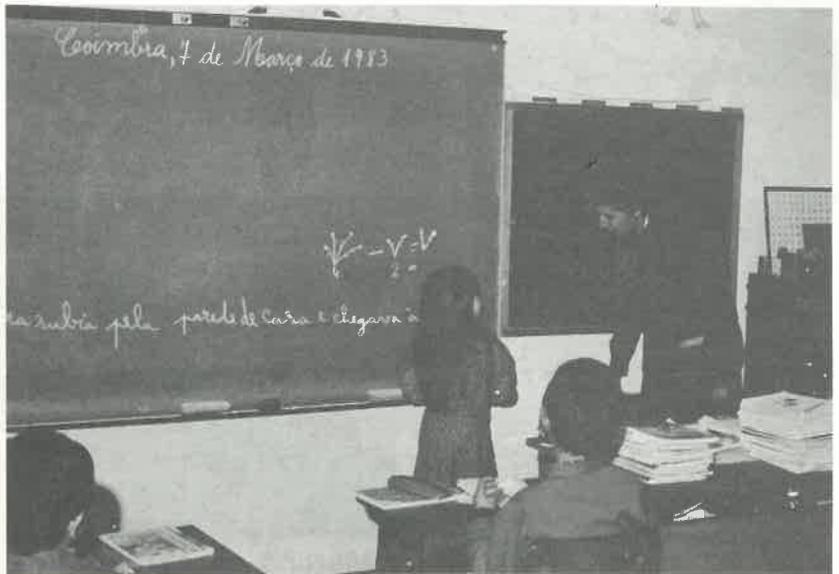
Os resultados têm sido bons.

Os Pais têm sido gentilíssimos com a Escola e agradecem a educação que os seus filhos aqui recebem.

Alguns Pais têm sido levados a ler a Bíblia em resultado das lições que as crianças ouvem diariamente e que relatam em casa.

Presentemente 3 senhoras — 2 Mães e uma Avó — estão fazendo os cursos da Bíblia. Esta Avó está frequentando com bastante regularidade as reuniões de Quarta-feira e Domingo.

Dois alunos e o irmão de um deles, o qual já está no Ciclo, estão frequentando



Na escola de Coimbra

o Clube dos Tições e já foram o ano passado ao Acampamento Anual, à Costa de Lavos.

Por todas estas coisas damos muitas graças a Deus.

Estamos igualmente gratos por verificarmos que a nossa Escola está alcançando os objectivos que desde o início tínhamos em vista a atingir.

Que o nosso Bom Mestre continue abençoando todas as nossas actividades e que ajude os Pais a reconhecerem, cada vez mais, o valor de uma Escola cristã, na época em que estamos a viver.

Agradeço as orações de todos os Irmãos em favor do nosso trabalho aqui.

Obrigada.
M. Amélia

Ciclos de Estudos para Pregadores Leigos

Teve início nos princípios de Janeiro um ciclo especial de estudos tendo em vista a elevação dos conhecimentos na arte de pregar de um grupo de Irmãos da Igreja de Oliveira do Douro na perspectiva de poderem pregar a Mensagem numa forma mais agradável e precisa.

Aos Sábados de tarde reunimo-nos numa das salas de aula do Colégio do Norte. Cremos que todos têm aproveitado alguma coisa dos ensinamentos que têm sido partilhados. Juntamente com o ensino temos tido a possibilidade de escutar cada Sábado um pregador; por vezes mesmo dois. No final fazemos alguns comentários sobre tudo o que está bem e sobre algo que esteja mal com o fim de nos tornarmos todos mais hábeis no manejo da Palavra.

J. M. Matos

I Estágio de Escola de Montanha

No fim da semana da Páscoa (31/3, 1, 2 e 3/4/83), um bom punhado de Jovens trocaram a data festiva por um trabalho a que nós chamamos «I Estágio de Escola de Montanha».

O objectivo era fazer uma selecção bastante responsável de Jovens para a Especialidade de Montanhismo que é nova no nosso meio e a nível de Divisão.



Alunos e Professores da Escola de Coimbra



I ESTÁGIO DE ESCOLA DE MONTANHA — «Grupo de Estagiários na Casa Abrigo de Beloï»

Este estágio foi realizado na zona de Beloï, S. Pedro da Cova — Valongo. As instalações de repouso e de aulas teóricas, foram as da Casa Abrigo do Clube de Campismo do Porto, e desde já agradecemos publicamente a sua cedência sem qualquer encargo para nós. Foram os monitores deste I Estágio os «Guias de Montanha» — Victor Alves e Manuel Gomes Oliveira — graduação concedida pela Federação Portuguesa de Montanhismo — Clube Nacional de Montanhismo (Delegação do Norte).

Estiveram presentes 30 estagiários assim distribuídos por Sociedades de Jovens: — Boras (Suécia) 1; Almada 3; Cascais 1; Lisboa Central 1; Coimbra 2; Canelas 3; Avintes 2; Oliveira do Douro 8; Porto 9.

Como dizíamos, este estágio era de selecção responsável para aferir os elementos que iriam fazer parte do II Estágio de Escola de Montanha.

Alguns jovens vieram apenas passar um bom fim-de-semana na Montanha, outros tinham ainda pouco interesse pela Montanha e assim, dos 30 elementos, apenas 11 passaram para a prova final que será e estamos já a fazer planos, na cidade da Guarda (arredores). Verificamos que os jovens que vieram de mais longe, vinham com mais interesse e com algumas excepções todos eles passaram à 2.ª fase desta Especialidade.

Esperamos que os outros 19 elementos que não passaram à 2.ª fase, possam ganhar um pouco mais de interesse e gosto pela montanha para numa próxima oportunidade fazerem parte doutro estágio.

A Directiva Norte está empenhada em formar jovens com determinadas especialidades a fim de ministrarem aos seus elementos de Clube aquilo que aprendem quer teórico, quer prático.

Neste II Estágio, contamos, como no I, com a presença do Departamental, a fim de entregar aos finalistas a sua insígnia de montanhismo e todos nós ao Pastor José Carlos Costa porque, afinal de contas, também passou no exame teórico e prático para a 2.ª fase deste Curso.

A Directiva Norte
Victor Alves

I Marcha da Ferrugem

As condições atmosféricas não nos deixaram realizar a I Marcha da Ferrugem que estava programada para o dia 8/12/82.

Entretanto, no dia 6 de Março, com um sol primaveril, meia centena de Jovens iniciaram a referida marcha.

Estiveram presentes a esta actividade, que é nova no nosso meio, as seguintes Sociedades dos Jovens: — Delães, Canelas, Porto, Avintes, Oliveira do Douro, Matosinhos e V. N. Gaia.

O seu início foi no Colégio do Norte e terminou em Crestuma num total de 20 Km aproximadamente.

O almoço era do lado de lá do rio Douro assim como as actividades durante a tarde.

Depois de 3 bons jogos de base-ball, os jovens regressaram a suas casas.

Para experiência, estamos convencidos como Directiva Norte, que esta é uma boa actividade para os nossos jovens e a realizar mais vezes.

Salientamos a ausência de Jovens Séniores e a presença incontestável de Desbravadores e «Projecto Companheiros» assim como de alguns tições.

A Directiva Norte
Victor Alves



Início da
I MARCHA
DA FERRUGEM

Grandes Melhoramentos no Templo de Oliveira do Douro

Há pouco mais de vinte anos foi inaugurado o Templo de Oliveira do Douro. Era, para a época, uma construção excelente e que servia perfeitamente os fins em vista. Mas os anos foram passando e as instalações deterioraram-se bastante além de que a Igreja foi crescendo e, deste modo, o Templo tem que sofrer grandes alterações. Após alguns meses de planos e preparativos de ordem técnica vamos entrar na fase das obras. Alguns milhares de contos vão ser dispendidos mas isso é perfeitamente necessário para que o Templo de Oliveira do Douro — vinte anos depois da sua edificação — possa continuar a ser um digno Farol iluminando muitas almas no caminho da Verdade.

J. M. Matos



*Chegou a hora de esvaziar a Igreja para começarem as obras.
Um banco saindo pela janela, directo à camioneta.*

Aguardando a Ressurreição



Maria Marques de Sá

Irmã «Rosa» era o seu nome preferido. Chamava-se Maria Marques de Sá e terminou a sua caminhada terrestre no dia 19 de Novembro de 1982, depois de ter contado 62 anos.

Houve doença e sofrimento. Porém, a fé e o nome de Jesus não se apagaram dos seus lábios enquanto consciente.

A Irmã Rosa foi baptizada em Canelas pelo Pastor Manuel Miguel em 22 de Novembro de 1958.

Era esposa do Irmão Orlando Oliveira e mãe dos sempre jovens, «Toni» de Setúbal e Orlando de Espinho.

Que a perseverança na Fé de Jesus permita aos familiares abraçar a sua querida na Ressurreição.

Ezequiel Quintino



PRECISA-SE

*Uma / duas Jovens
que ali queiram prestar
Serviço Voluntário
durante as férias*

Indicar:

Nome, idade e datas disponíveis para:

DIRECÇÃO LAPI

Rua Joaquim Bonifácio, 17

1199 LISBOA CODEX



**FAZ JÁ A TUA ASSINATURA
DIVULGA-A**